

HANS-ULRICH WEHLER: *Geschichte als Historische Sozialwissenschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1980. 3.<sup>a</sup>ed.

A consideração da ciência histórica como ciência social é-nos já bem familiar. Fazer história, cientificamente, é praticar uma ciência de conquista (da informação) e, até certo ponto, de colonização compreensiva de “áreas do passado” Entre outros (1), já Pierre Chaunu, em seu livro *Histoire: Science Sociale*, apresenta-nos uma visão elaborada desta concepção da história. O presente livro do Professor Wehler (Universidade de Bielefeld, Alemanha Federal), se compõe de três ensaios de vasta abrangência intitulados: História e Sociologia (pp. 9-44), História e Economia (pp. 45-84), História e Psicanálise (pp. 85-123). Inicialmente publicados entre 1971 e 1973, estes trabalhos constituem introduções a coletâneas de artigos de importância nas respectivas abordagens interdisciplinares (2). Embora já se tenham passado cerca de dez anos desde a publicação original, a presente terceira edição destes artigos de Wehler nada perdeu em atualidade. Aliás, suas reedições sucessivas demonstram-no sobejamente. O principal mérito de Wehler está na indiscutível concepção dinâmica e ativa da história como uma ciência viva, profundamente inserida no contexto presente e eficazmente vinculada às demais áreas da reflexão científica contemporânea, no caso específico: sociologia, economia e psicanálise.

O pano de fundo indispensável, tratado com feliz adequação, é o da fundamentação teórico-metodológica de que, como constata Wehler, de acordo com inúmeros outros colegas (p. 25), tanto carecem as ciências humanas e sociais contemporâneas. A ênfase atribuída à perspectiva crítica e sua preocupação com a orientação teórico-prática da feitura da história no âmbito da práxis científica

---

(1) — P. ex.: D. LANDES e C. TILLY (org.): *History as Social Science*. Englewood Cliffs, 1971. Este comentário foi redigido no período de pesquisas, com bolsa da Fundação Alexander von Humboldt, passado na Universidade de Munique (Alemanha Federal).

(2) — P.-C. LUDZ (org.): *Soziologie und Sozialgeschichte*. Colônia, 1973. (Suplemento da *Kölner Zeitschrift für Soziologie*).

H.-U. WEHLER (org.): *Geschichte und Oekonomie*. Colônia, 1973.

H.-U. WEHLER (org.): *Geschichte und Psychoanalyse*. Colônia, 1971.

emprestam nítido valor filosófico à abordagem das questões (pp. 28, 69, 73, 90, 105, e.o.). Cabe ressaltar que estes artigos de Wehler se situam no amplo movimento de reflexão epistemológica que vem-se desenvolvendo, no campo das ciências históricas, desde o início dos anos setenta e que tem resultado em bom número de publicações de qualidade, que abordaremos em comentários ulteriores.

Wehler analisa com acuidade as grandes direções da evolução do trabalho teórico nas ciências sociais em pauta e de suas relações com a história. Historismo, materialismo histórico, Marx, Weber, Schumpeter, “cliometria” (história dita quantitativa), Freud, neomarxismo e tantos outros mestres-pensadores ou escolas são ponderados com discernimento num balanço bastante completo do *status quaestionis*.

Um trabalho de tal fôlego constitui decerto um precioso instrumento de trabalho para o pesquisador na análise crítica da produção historiográfica posterior. Não se pode deixar de notar, contudo, que o autor escreve para o público de língua alemã. No entanto, o aparato de notas e de referências bibliográficas, de respeitável abrangência (incluindo numerosos autores de língua inglesa e francesa), completa a grade categorial das análises e permite o aprofundamento pela leitura dos textos referidos e também, dentro de louvável espírito de equilíbrio, a comparação com argumentos divergentes e/ou contrários de outros autores.

Na análise crítica das diferentes correntes teóricas aplicadas ou a aplicar à e na pesquisa histórica deve-se destacar especialmente a concepção da história que Wehler utiliza. Cumprindo sua própria recomendação de explicitar pressupostos e opções (p. 25), o autor a formula inequivocamente: “ a ciência histórica se entende como ciência social histórico-crítica, possuidora de compreensão própria dos tempos históricos (ou da dimensão histórica das “questões contemporâneas”), orientada por problemas e não presa a períodos cronológicos previamente dados, dotada de claros interesses orientadores da pesquisa e, por conseguinte, de princípios de seleção fundamentados” (p. 28). Tal visão da história e de sua “leitura” pela ciência reforça, pois, a convincente concepção de que a história é sempre do social, isto é, da sociedade em que vive, pensa e age o homem, na complexidade de suas realções, de seus tempos e de seus espaços (pp. 73, 74, 91, 105). Uma das diversas conseqüências tiradas pelo autor destaca o aspecto da orientação prática, i.é., política, que a história pode (e deve) fornecer ao homem (pp. 96, 104, 108), ressaltando destarte a eminente função emancipatória da consciência histórica promovida, também, pela ciência.

Este livrinho de Wehler contém igualmente uma advertência contra o maniqueísmo disciplinar acadêmico e um veemente apelo à complementariedade interdisciplinar (pp. 10, 72, 85), sobre a qual somente repousa a fecundidade teórico-metodológica do presente e, por que não dizer?, a conjunção dos esforços de interpretação do mundo a partir de uma compreensão filosófica (analítico-crítica) que contribui decisivamente para transformações eficazes, a nível de mentalidade e de sociedade.

Estevão de Rezende Martins

Universidade de Brasília